

TV+

Augusto Madeira e Mariana Nunes dão vida a Quirino e Penha em *Um dia qualquer*



Rogério Von Krüger

A realidade **nua** e **crua**

Um dia qualquer retrata a realidade intensa dos moradores dos subúrbios do Rio de Janeiro. A 2ª temporada da série já está disponível na Max

POR ISABELA BERROGAIN

Complexas dinâmicas de poder, violência e corrupção. Essa é a realidade narrada em *Um dia qualquer*, série da Max que estreia a 2ª temporada. Em uma região do subúrbio carioca, os personagens vividos pelos atores Mariana Nunes, Vinícius de Oliveira, Augusto Madeira e Eli Ferreira, diariamente impactados por conflitos entre milícia e tráfico, precisam sobreviver em meio à dura realidade, lidando também com problemas da vida pessoal.

Como adianta o título da produção, a trama retrata acontecimentos rotineiros que se passam dentro de 24 horas nas comunidades do Rio. “A história de *Um dia qualquer* surge na cabeça do nosso diretor (Pedro von Krüger) justamente pensando em mostrar esse outro lado. Em um dia qualquer na periferia, um dia de tragédia, você causa um caos em uma comunidade. Essa 2ª temporada começa com a gente matando um rapaz que não tem nada a ver com nada, um rapaz jovem com toda uma vida pela frente”, explica Vinícius.

A proximidade dos atores com a realidade do Rio — três dos quatro protagonistas são cariocas — facilita a conexão entre atores e personagens. “Eu cresci em uma comunidade no Complexo da Maré, então via os traficantes do meu lado, com R15 na boca de fumo. Era tudo muito próximo da gente, o que acaba nos permitindo trazer o que é de verdade”, revela.

“A gente não precisa criar estereótipos e ficar imaginando como é. É tudo muito pautado no

que a gente vê e no que está próximo da gente. É por isso que a série tem esse tom de realidade muito forte”, acrescenta Vinícius.

“Nas séries e filmes de favela que a gente vê, nós costumamos estereotipar demais os personagens — é bandido, policial, miliciano ou bicheiro”, aponta Mariana, brasileira que mora na capital carioca desde 2008. “É muito comum vermos os bandidos como sanguinários e maus. As vítimas são só vítimas, e os bandidos, antagonistas”, avalia. “A questão é que, no entanto, as pessoas que brigam são adultos que passaram a infância juntos, brincando. Pessoas que vão passar o Natal nas mesmas casas e estão em lados opostos”, exemplifica Augusto.

Responsável por dar vida a Quirino, ele afirma que, na produção, realiza a principal função de ator: humanizar os personagens. “Às vezes, o cara não está ali porque é mau, ele está ali porque foi a opção que a vida lhe deu. Talvez a mais fácil, talvez por ser covarde, mas ele não teve muitas opções na vida”, opina o artista.